

A
MORTE
E AS HISTÓRIAS
QUE VIVEU

A
MORTE
E AS HISTÓRIAS
QUE VIVEU

J. V. RODRIGUES

Rodrigues, J. V. (Jorge V.)

A Morte e as histórias que viveu - 1ª Edição -
São Carlos - SP, 2016.

1. Contos 2. Fantasia

Copyright © 2016 by Jorge Vinicio Rodrigues dos Santos

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo
ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Qualquer semelhança com pessoas reais é mera coincidência.

Foto do autor: Arquivo pessoal

Arte da capa: J. V. Rodrigues

Ilustrações: J. V. Rodrigues

Dedico esse livro a grandes pessoas: Aline, Victoria e Vitória. Três grandes amigas que me deram a força que eu precisei. Sem elas esse livro não teria existido.

A morte é apenas uma travessia do mundo, tal como os amigos que atravessam o mar e permanecem vivos uns nos outros. Porque sentem necessidade de estar presentes, para amar e viver o que é onipresente. Nesse espelho divino veem-se face a face; e sua conversa é livre e pura. Este é o consolo dos amigos e embora se diga que morrem, sua amizade e convívio estão, no melhor sentido, sempre presentes, porque são imortais.

(William Penn)

A HISTÓRIA DA VIDA E DA MORTE.....	9
CONTRADITÓRIO ARILTON.....	15
A AMIGA QUE FIZ AO PARTIR.....	26
PÁGINAS DESCARTADAS.....	35
UMA BREVE HISTÓRIA DE AMOR.....	55
A INESCRITA HISTÓRIA DE JULIE.....	64
A HISTÓRIA DO RELÓGIO.....	78
DONA SEBASTIANA.....	84
NOTA DO AUTOR.....	97
AGRADECIMENTOS.....	99



A HISTÓRIA DA

VIDA

E DA

MORTE



Nasci quando não existia nada. Não posso dizer que havia ao menos luz ou trevas. Mas ela estava comigo. Minha existência esteve atrelada a sua desde o início. Vimos o nada virar tudo: planetas, estrelas, galáxias, o universo.

Por um tempo imensurável vivemos apenas nos duas, e nesse período desbravamos a existência dos lugares, das cores, das sensações. Descobrimos juntas a luz e a escuridão, a terra e a água, o fogo e o ar. E assim seguimos.

Ela era a Vida. E por muito tempo achamos que éramos idênticas. Companheiras, amigas. Éramos somente nós e o universo, não havia como ser diferente. E isso, claro, mudou quando deixou de ser só nós.

Vida pincelava a terra com seus dedos, desenhava círculos. Ela adorava fazer isso. O silêncio da nossa solidão era preenchido pela nossa própria existência quando parávamos durante milênios apenas para contemplar as estrelas.

E num dia qualquer eu e ela nos tornamos diferentes. Nessa terra em que ela tanto brincava

nasceu uma flor. Vida ficou encantada com o que tinha feito. Nunca fiquei tão feliz por ela. E foi assim que começou. Eu tentei fazer o mesmo, mas não obtive sucesso. Não conseguia criar nada da terra. Tornamo-nos diferentes. É engraçado porque se você é muito parecido com alguém e você tem consciência disso, a partir do momento que essa pessoa muda, sua noção da sua própria identidade pode ser abalada. E fora o que aconteceu comigo. Eu achava que poderíamos fazer as mesmas coisas, mas eu nunca consegui fazer brotar uma flor. E Vida conseguiu muito mais. Ela povoou o universo com vida. Através dos milênios fora capaz de criar vegetais, animais (inclusive humanos), e todo e qualquer tipo de ser vivo. E eu continuei ali, parada, observando tudo acontecer.

Até que um dia eu tentei imitá-la.

Um pequeno pássaro pousou em meu ombro. Era um azulão. Sua penugem era linda. Lembrava-me o mar noturno em noites de lua cheia. Ele saltou ao longo do meu braço até chegar à minha mão. Tentei sentir a magia de Vida naquele pequeno ser. Imittei os movimentos que fazia para criar novos seres.

Jamais teria feito aquilo se compreendesse na época. O azulão cambaleou e caiu sobre minha

palma aberta. Não havia mais respiração, nem batimentos. E foi então que descobri quem eu era.

Vida retornou a mim assim que percebeu o que tinha acontecido. Completamente desolada e frustrada. Ela caiu aos prantos ao ver o pequeno azulão sem qualquer movimento. Nunca mais bateria as asas.

Ela me culpou pelo que aconteceu e prometeu se afastar de mim para sempre. Eu me isolei na lua por medo de matar alguma outra criação da Vida. Mas sempre observando tudo à distância.

Percebi então que, depois do azulão, muitas outras criaturas começaram a morrer. Fui atrás de Vida, queria entender o que estava acontecendo. A encontrei na beira de um riacho, completamente abatida. Ela chorava muito. Aproximei-me devagar. Abraçou-me. Estava infeliz. E então, ainda nos meus braços, Vida deixou de ser Vida. Assim como suas criações, faleceu.

Pela primeira vez me senti verdadeiramente solitária. E isso doeu. Vida desapareceu nos meus braços. Sem deixar vestígios.

Passei um longo período apenas sentindo minha dor e me culpando por tudo que aconteceu. Depois de um tempo tentei cuidar de suas criações e percebi algo que eu ignorara até então. As almas desses seres estavam se desprendendo do corpo e

continuavam a morrer.

Não consegui reverter a situação, por mais que tenha tentado. Por fim me restou tentar descobrir como morrer... Com uma lâmina de gelo me perfurei a fim de partir desse mundo.

Falhei. Mas descobri uma nova verdade, outra existência. Havia um universo dentro de mim.

Ainda tinha esperanças de desfazer meus erros. Até que conseguisse, resolvi cuidar das criações de Vida. Peguei a primeira alma que encontrei em meus braços e a levei para dentro de mim mesma, a fim de guardá-la e protegê-la.

Para minha surpresa, dentro de mim não havia apenas um novo universo. Vida estava lá a minha espera.

Ela me explicou tudo. Nada tinha sido minha culpa. O pequeno azulão morrera naturalmente, foi uma coincidência morrer na minha mão. Vida tinha terminado de criar todas as espécies existentes. E então o ciclo natural começou para todos: nascer, crescer e morrer. Inclusive para ela, pois fora ela que criara tudo aquilo. Mas novos nasceriam, e Vida passou a cuidar das almas.

E assim Vida e Morte seguimos. Eu buscava as almas e as levava para Vida, e as levava de volta para a vida.

Morte e Vida acabamos por ser apenas um,
porque a Vida estava na Morte e a Morte estava na
Vida.





CONTRADITÓRIO
ARILTON

Eu queria entender porque isso acontece do nada. Não posso dizer que foram muitas ocasiões. Nessa longa jornada já deve ter acontecido umas 9 vezes. É, estou certa disso. Foram nove vezes. Nas minhas caminhadas pelo mundo nove pessoas me viram e me reconheceram sem eu permitir, sem estarem próximas ao meu encontro, se é que você me entende. Fiquei impressionada em todas em que isso aconteceu. Mas eles é que ficaram assustados. Imagine: você está lá vivendo sua vidinha e do nada vê uma figura caminhando e de alguma forma inconsciente você sabe que ela é a morte.

Nem todos souberam lidar com isso. Fico triste em dizer que um deles enlouqueceu. Tentei conversar, acalmá-lo, mas não teve jeito. Ele ficou assombrado comigo até o dia em que o encontrei para buscá-lo. Pedi desculpas pelo que aconteceu e finalmente o acalmei. Sua alma seguiu em frente, tranquila pela primeira vez em muito tempo.

Mas os outros, no geral, se interessavam em me conhecer, e às vezes eu sentava com alguns deles pra bater um papo. Geralmente conversávamos sobre mim. Eu sabia tudo sobre a vida deles no momento certo, não havia porque adiantar isso. Tenho todo o tempo do mundo. Gostaria de dizer que contribuí para que eles entendessem a vida e vivessem mais felizes. Mas não foi o que aconteceu com Arilton. Não me culpo, os humanos sempre tendem a me ver de forma errada.

Era uma tarde de inverno, mas na pequena comunidade rural em que ele morava no interior do Brasil nunca parecia ser inverno. O céu estava lindo: um azul maravilhoso com várias figuras nas nuvens. Eu me sentei no morro, em cima da braquiária, do lado de um pé de goiaba e fiquei olhando pra casa de Lurdes. Eu a levaria em algum momento naquela noite. Toda sua família estava saindo e entrando em sua casa. Ela tinha 94 anos e estava sofrendo de um câncer. Eles sabiam que eu estava vindo buscá-la e por isso muitos choravam. Lurdes não falava mais desde a noite anterior. Sua filha já havia colocado a vela em cima do pires do lado da cama para acendê-la quando eu entrasse no quarto.

Era um costume que eu achava bonito: acender uma vela para me receber. Tá, não era para mim. Eles não queriam que eu chegasse. Era para Lurdes.

Era um símbolo que significava “a gente entende que você está partindo, e por isso vamos acender essa vela pra te ajudar a seguir em frente”. Percebe o quanto isso me ajudava no meu trabalho? Eu não tive dificuldade alguma naquela noite. Lurdes me abraçou assim que me viu e seguimos juntas.

Mas vim aqui pra te contar a minha história com Arilton.

No morro, só observando todo aquele entra e sai, não percebi que um jovem vinha puxando um jegue a poucos metros de mim. Estava entretida com o adeus. Arilton amarrou o animal num pé de ciriguela próximo ali e veio conversar. Assim, do nada. Sem medo.

Usava apenas um short e uma bota de borracha que tinha fezes de gado secas grudadas nas laterais. Sentou-se do meu lado e perguntou:

“Que horas ocê vai levá ela?”

“Eu não sei. Estou esperando.”

“Porque não leva agora? Os parente tá tudo sofrendo vendo a bichinha daquele jeito.”

“Eu não posso.”

Respondi sem jeito. Queria diminuir o sofrimento dela e de seus familiares, mas não sou eu quem decide isso.

“Mas ocê tá aqui pra isso, num é? Leva ela logo!”

“Eu não posso.”

“Num posso’, claro que pode. Ocê levou o Joaquim do nada, quando quis, e agora num pode leva a coitadinha da dona Lurdes um tiquinho antes pra acabá logo com esse sofrimento?”

Joaquim era um menino de 5 anos que me recebeu depois de se afogar no rio, meses antes.

“Arlton, eu não posso. Eu não mato ninguém. Eu venho buscar quem morreu.”

Ele me olhou sem entender. Olhou pra casa de Lurdes. Depois de um tempo me perguntou:

“Se ocê não mata ninguém, o que que mata intão?”

“O corpo, Arlton. O corpo. Sabe quando as lagartas se colocam naquela casca?”

“Pra virá brabuleta?”

“Isso, pra virá brabuleta. O corpo é a casca. Enquanto se está na casa, se está vivo. Se a casa se rompe, se está morto.”

“Mas a lagarta num morre, ela vira uma brabuleta. Como isso pode ser a morte? É bonito demais”.

“Mas a lagarta é a alma. A alma nunca morre, só se transforma.”

Ele me entendeu. Era um garoto inteligente.

“Intão ocê só vai vim buscá eu quando meu corpo morrer?”

“Exatamente.”

“Intendi intão.”

Ele parou, se deitou na braquiária e encarou o céu. Não queria mais ver o sofrimento na casa de dona Lurdes. Ficou lá um bom tempo, em silêncio. Depois se levantou, pegou o jegue e saiu como se nada tivesse acontecido. Não deu nem um “até logo”. Não me viu buscar a dona Lurdes. Não gostava de velórios.

Eu achei que ele tinha entendido.

Meses depois quando voltei àquele lugar pra acolher Marlina, irmã de Lurdes, encontrei-o pouco antes de fazer meu trabalho. Ele pediu pra que eu voltasse quando tivesse acabado para conversarmos. Não vi problema.

Naquela noite nos sentamos na beira do rio e olhamos as estrelas.

“o que que é depois daqui?”

Perguntou-me olhando diretamente pra mim.

“Não tenha pressa, Arilton. Você vai descobrir.”

“Mas é bom?”

Dei de ombros. Não queria que ele ficasse remoendo o que vem depois da vida. Não faz sentido perder tempo com isso. E já conheci muitos ansiosos em me encontrar. Eu decididamente não queria que ele fosse um desses.

“A vida é boa?”

Perguntei em resposta. Ele parou de me olhar e se voltou pras estrelas.

“É. Você promete pra eu?”

“Quer uma promessa da Morte?”

Ele assentiu.

“Diga.”

“Promete que num vai me levar antes do tempo?”

“Arlton, eu não levo os vivos. Mantenha-se vivo, se essa é sua preocupação.”

Me arrependi de tê-lo dito aquilo. Mas como disse, os homens tendem a me interpretar da maneira errada.

Encontrei-me outras vezes com ele durante sua vida, mas nada demais aconteceu. Ele, como sempre, só queria saber mais sobre como é depois que se morre. Foi por isso que fugi dele algumas vezes.

Quando Arilton já tinha 40 anos fora a última vez que me permiti conversar com ele antes de ir buscá-lo. A primeira coisa que percebi ao revê-lo fora sua pele. Já não tinha o tom dourado de quando eu o conheci. Na verdade ele me parecia bem pálido.

Quando me vira, correu e me abraçou. A vela já estava acesa. Era uma vela maior, daquelas chamadas de “vela de sete dias”. Ele chorou no meu ombro. Eu estava ali pra buscar seu pai e ele sabia disso.

“Não se preocupe, eu cuidarei dele.”

Foi a única coisa que eu pude dizer.

Seu pai fora picado por uma cobra e estava de cama havia três dias. Ele não falava mais.

Dessa vez, me pus a caminhar com Arilton. O sol começava a aparecer entre os morros. Não falamos mais nada. Ele só me encarava e em seu olhar eu o via me pedindo pra não levar seu pai. Não tinha jeito. Ele sabia. Por isso não guardou rancor de mim e me levou até o quarto de seu pai quando chegou a hora.

Assim que fiz meu trabalho, retornei. Queria saber como ele estava. Encontrei-o em seu quarto quietinho, como se estivesse escondido para ninguém o vê-lo chorar. Ele não percebeu que eu tinha voltado e provavelmente nunca soube disso.

Nossas conversas eram sempre sobre mim, e talvez isso tenha feito com que eu não percebesse a vida que Arilton levou. Mas não me culpo. É sempre mais fácil culpar a morte e a perda por todos os nossos erros. Eu sabia exatamente que foram escolhas dele. Não era minha responsabilidade. Mas isso não impedia que eu sentisse pena.

Fui buscá-lo 48 anos depois. Ele viveu por 88 anos. Mas o que encontrei foi o resultado de uma vida vazia. Assim que cheguei, sentei-me na varanda da casa ao seu lado e fomos conversar.

“Esse é nosso último encontro, você sabe, não é?”

Disse a ele. Arilton só olhou pras mãos que estavam apoiadas nos joelhos. Analisou as linhas de cada uma das rugas.

“Mas já?”

“Oitenta e oito anos, dois meses e 9 dias, Arilton. É bastante tempo.”

“Armaria, as vezes isqueço que vivi esse tempão.”

“Valeu a pena? Viver todo esse tempo?”

Ele deu de ombros.

“Eu cuidei de mim. Não queria encontrar ocê antes do tempo.”

“Que tempo, Arilton?”

“Não queria ir embora cedo, ocê sabe.”

“Eu te disse, Arilton. Eu não levo os vivos.”

“Mar por isso mermo. Não queria morrer.”

“Se nem eu sei quando vai ser, imagina você.”

Menti. Menti todo esse tempo. Eu sei exatamente quando cada um vai morrer, no momento em que nascem. Mas as pessoas sempre querem saber isso. E não vale a pena.

“Mas eu vivi isso tudo, num vivi?”

“Viveu?”

Ele não respondeu, não enquanto estava vivo. Foi naquele momento que seu corpo se tornou inútil

que o levei para seguir em frente. Não importa o que conversamos depois. As respostas que ele me deu não eram as verdades que suas memórias me contaram.

Arilton não viveu. Pelo menos não sua alma. Pelo menos não do jeito que queria viver. Teve uma vida parada. Preocupou-se com o tempo.

Ele deixou de fazer muita coisa por medo de morrer antes da hora. Quis construir sua casa no morro, não o fez porque achou que poderia um dia tropeçar e rolar ladeira abaixo e morreria nisso. Quis comprar uma viola e tocar na cidade, não o fez porque achou que era arriscado ficar na cidade com aquele monte de gente. Poderia pegar uma doença e morrer. Quis se casar, mas não o fez. Com o casamento ele teria que trabalhar mais pra sustentar a família, e isso poderia desgastar seu corpo e diminuir seu tempo de vida. Deixou de comer coisas que gostava porque tinha que ser sempre saudável. Limitou seus desejos. Desistiu dos sonhos. Quis viver. Ele quis. Só quis mesmo. Não o fez. Nada.

Se pudesse, teria mentido para o Arilton de 13 anos e dito que ele morreria rápido, mas eu conheço a cabeça dos humanos. Ele ficaria só se lamentando porque “logo” morreria e se esqueceria de viver também.

Arlton se preocupou em não romper o casulo, mas esqueceu de que o casulo era para prepará-lo pra voar.



A AMIGA QUE FIZ
AO PARTIR



ra já muito tarde quando recebi o aviso de que ele estava vindo. Eu o conheci, como todos os outros, e sabia que seria difícil convencê-lo a vir. Mas queria tentar. Cheguei lá pouco antes de seu coração parar. Sua respiração que era intensa, mas silenciosa, foi aos poucos se evanescendo. Quando ele deitou pra dormir, estava sonhando com seu filho um pouco mais novo que era agora, com uns oito anos de idade. A criança sorria porque tinha finalmente conseguido andar de bicicleta.

Eu fiquei perto da janela, sentindo a brisa e pensando que ele não sentiria dor alguma, estava morrendo feliz por causa de uma lembrança. Ah, como eu queria que fosse sempre assim! É doloroso pra mim, ah como é!, ver o último sofrimento de cada pessoa, porque muitas vezes é o mais intenso já que as pessoas acabam por interpretar como uma despedida.

Oswaldo, que também é o Waldo, o Oswaldinho, o Wal, teve uma vida feliz, ou pelo menos a viu de

uma maneira feliz. Estava deixando um filho de dez anos, Ricardo, e sua esposa, Carla.

Quando seu coração parou de bater, eu soube: ele não iria querer ir comigo. Não queria abandonar sua família, principalmente sua doce criança. Senti-me mal, mas estava ali para ajudá-lo. Pelo menos era essa a minha intenção. Quando sua alma se levantou, sem perceber o que tinha acontecido, não olhou para mim. É, eu não seria capaz de levá-lo. Saí dali antes que ele pudesse me ver. Parei o tempo. Não poderia deixar aquela pobre alma perceber o que tinha acontecido sem alguém para acolhê-lo.

Voltei então para o meu reino. Precisava de um jeito de ajudar Oswaldo. Eu conhecia seus antepassados. Tinha acolhido seu pai dois anos atrás, um homem muito divertido. Atravessou o túnel me contando piadas. Mas o receio de Oswaldo era quanto a Ricardo. Ele queria ser capaz de garantir que seu futuro fosse feliz.

Caminhando pelo meu vale, pensei em ir às montanhas da luz. Luna estava lá, a alma que habitaria o corpo da filha de Ricardo anos mais tarde. Ela era a única que poderia confortar meu caro amigo que esperava ao lado de seu corpo sem vida.

Eu a chamei para conversar, uma doce menininha sorridente. Expliquei pra ela meu drama

em tentar ajudar seu avô. Pelas vezes em que estive com ela, nunca a vi tão empolgada. Desceu correndo o morro, e eu, já com minha idade avançada, tive que acompanhá-la.

Para atravessar a correnteza ela me pediu toda tímida que a carregasse. A tomei no colo e a levei. Ela segurou minha mão quando a pus no chão e assim caminhamos até chegar à casa de Oswaldo.

Eu me ajoelhei para tentar ficar mais próxima da altura de Luna e lhe explicar como era doloroso para o Oswaldo dizer adeus para seu filho e pedi que ela conversasse com ele tendo isso em mente. Ela pediu para eu não me preocupar e seguiu na frente. Usei meu véu para não ser notada e fui junto. O tempo voltou a correr.

Como se tivesse acabado de acordar, Oswaldo estava andando até a porta, provavelmente pensando em tomar um copo de água na cozinha quando Luna apareceu pra ele. Ela colocou só a cabeça na porta, deu um sorrisinho e saiu correndo. Ele foi atrás dela imaginando o que uma menininha fazia na sua casa durante a madrugada.

Ela desceu as escadas pulando com os dois pés e dando risadas. Ele quase a pegou, mas ela escapou e correu para o quintal. Ele foi atrás.

Lá ela sentou-se no balanço que Oswaldo fez para Ricardo.

Eu observei achando muito engraçado. Ele perguntou quem era ela. Teve o silêncio como resposta. Sentou-se no balanço que sempre sentava quando ficava apenas conversando com seu filho ao invés de ficar empurrando ele para ir mais alto. Luna olhava para as estrelas e ele a imitou. Até que ela quebrou o silêncio: “Acho que você precisa de um abraço”.

Ela saiu do seu balanço e se aconchegou em seu colo. Oswaldo ficou olhando pra ela como se reconhecesse algum de seus traços físicos. Ela o abraçou e fora correspondida com a mesma intensidade.

“Eu vim para te ajudar” disse depois de alguns instantes. Ele não entendia.

“É muito tarde, mocinha. Você deveria estar dormindo” disse Oswaldo, mas Luna pareceu ignorá-lo.

“Você vai descansar, vô. Mas primeiro tem que aceitar.”

Ela desceu de seu colo, pegou sua mão e o puxou de volta para o quarto. Oswaldo se viu deitado na cama e entendeu tudo. Desesperado, checkou a respiração e confirmou que estava morto. Luna não largou sua mão um segundo sequer, mesmo que ele tentasse. Quando parou, sentou-se

no chão e começou a chorar, ela limpou suas lágrimas.

“Está tudo bem, vô” disse ela. “Você quer caminhar comigo? Me leve para passear”.

Ele saiu do quarto dando um beijo no rosto da esposa.

“Eu não posso estar morto. Isso é um sonho, não é?” Disse quando saíram do quarto.

“Não deixa de ser um sonho, mas você não faz parte mais desse mundo”.

“Eu não posso deixar meu filho!” gritou ele e saiu em direção ao quarto de Ricardo, que fora atingido por um sono sereno e profundo.

Ela o convenceu depois de muito esforço para fazerem uma caminhada até o bosque próximo dali. Então ela explicou tudo, do jeito dela, é claro, com frases simples, diretas e gentis ao mesmo tempo. Ele continuava sem acreditar, ou melhor, aceitar.

Ele perguntou se não poderia voltar, ou ficar vagando pelo menos pra acompanhar o crescimento de Ricardo. Luna não tinha essas respostas, mas entendia que seria muito mais doloroso pra ele ver o luto de sua família. Ela disse que ele podia se despedir se quisesse, como eu orientei. Mas tinha que fazê-lo antes que ele acordasse. Ela falou sobre mim, e sobre o quanto eu estava preocupada com ele. Mas Oswaldo se negava a me encontrar, achava

que eu o trairia e o obrigaria a atravessar o túnel naquele momento.

Por fim, eles acabaram voltando para a casa e foram para o quarto de Ricardo. Lá fiz meu trabalho: sem que Oswaldo percebesse, segurei sua mão, e toquei na testa do menino. Dei-lhe de presente a despedida de seu pai: o mesmo sonho que estivera tendo no momento de sua morte, Ricardo aprendendo a andar de bicicleta. O pai chorou, era seu adeus ao seu filho.

Com isso, Oswaldo acabou por aceitar me encontrar. No balanço eu apareci pra ele e dei-lhe um presente com um beijo: a visão de Ricardo, mais velho, brincando com Luna. Ele me abraçou.

Nós três seguimos andando quando o sol nasceu. Oswaldo não ouviu o choro de sua esposa ao acordar e perceber que ele havia partido. Não viu seu filho chorar quietinho no balanço sentindo saudade do pai. Não viu nenhum lamento das pessoas que amava. Luna saiu correndo, nos deixando a sós. Ela voltara para as montanhas da luz. Era hora de Oswaldo atravessar o túnel. Ele se agarrou a mim, e o levei para a luz em paz.

No meu reino ele me questionou:

“Onde está Luna?”

Eu sorri para ele.

“Está me esperando. Vou prepará-la para a vida”.

ERA O INCERTO FIM
CADA VEZ MENOS PRESSÃO
NAQUELE TOQUE LHANO
ELA O AJUDOU

DIAS, MOMENTOS
APENAS TEMPO?
NÃO, ERAM SENTIMENTOS
AQUELES QUE O CONSTRUÍRAM

ROSTOS, SORRISOS
E O TEMPO SE FEZ AUSENTE
E NA SUA FALTA
PODE SENTIR TUDO
NOVAMENTE

E ASSIM, LIMPOU SUA MENTE
E EM SUA COMPANHIA
SEGUIU EM FRENTE.



PÁGINAS
DESCARTADAS



Ricardo tinha acabado de chegar do trabalho. Deu aula pra seis turmas naquele dia, sendo quatro do ensino fundamental. Estava exausto. Adorava crianças, mas lidar com mais de cinquenta no mesmo dia em longo prazo poderia deixá-lo louco, era o que pensava. Pelo menos em uma coisa ficava feliz por ser filho único: não teria sobrinho para lhe chamar de tio. A gritaria das crianças chamando-o de tio só intensificava sua dor de cabeça. Maldita hora que resolveu fazer letras.

Ele entrou em casa, colocou a mochila em cima do sofá e subiu para o escritório. Além de cansado estava ansioso. Tinha enviado seu novo romance pra três editoras. Duas delas o recusaram. Mas havia uma esperança. O prazo para avaliação da terceira editora terminava naquele dia. Quando abrisse sua caixa de e-mails já teria uma resposta. Alguma coisa o dizia que tinha dado certo.

Ligou o notebook, e abriu a caixa de entrada. Lá estava a bendita mensagem. Clicou e começou a ler.

Após uma breve mensagem de saudação, a resposta: “infelizmente seu original não se encaixa na nossa linha editorial”. Não fazia sentido. Ele tinha escolhido as três editoras justamente por conhecer suas linhas editoriais e acreditar que seu livro se encaixava em qualquer uma delas.

Ricardo socou a mesa. Era seu segundo livro rejeitado. Tentou respirar fundo para se acalmar, mas não adiantou. Deixou o computador de lado e desceu até a cozinha. Pegou uma garrafa de vinho. Tirou a rolha e começou a beber, no gargalo mesmo.

Fracasso. Era tudo que conseguia pensar. Rejeição. Inútil. Sentou na poltrona da sala e ficou olhando os porta-retratos enquanto bebia. Fotos com seus pais, Oswaldo e Carla, em momentos nos quais foram felizes, mas que hoje não passavam de lembranças. Seu pai morreu quando ainda era uma criança. E sua mãe se foi pouco antes de Ricardo atingir a maioridade.

Sentiu saudades. E com isso começou a chorar. Seu pai nem teve como saber da vontade do filho em ser escritor. Sua mãe teria dito, como sempre dizia, de maneira racional, mas positiva, que o problema era no mercado editorial brasileiro e na falta de leitura do povo. O que faria total sentido, mas que ainda não apagava da mente de Ricardo a rejeição de mais um livro.

Começou a ficar bêbado quando acabou a primeira garrafa e isso só piorou seu estado emocional. Mas acabou caindo no sono depois de metade de uma segunda. Dormiu ali mesmo, encarando as sombras de momentos felizes.

* * *

Era uma noite de sábado. Ricardo estava em seu escritório (que na infância fora seu quarto) tentando escrever. Estava decidido a criar um livro impossível de ser rejeitado. O problema é que não tinha ideia do que colocar em palavras. Tinha apenas personagens aleatórios, cenas que se escritas sem um contexto seriam grandes clichés, daqueles que se vê em filmes antigos. O chão do quarto já estava repleto de folhas de papel amassadas. Ele olhou para aquela cena em que se encontrava e pensou em como ele mesmo era um grande cliché.

Ricardo tinha 25 anos, morava na casa que seus pais lhe deixaram de herança e sobrevivia com um salário de professor horista em escolas particulares. Estava completamente frustrado com sua situação: odiava seu trabalho, odiava ganhar pouco, odiava não ter liberdade de fazer seus horários. Não tinha muitos amigos por ser um tanto quanto introvertido.

E também espantava qualquer pessoa falando de seus problemas diários.

Exceto Fernando, seu namorado. Que inclusive resolveu visitá-lo naquela noite.

A campainha tocou. Ricardo sabia que era ele, mas não queria vê-lo, queria se concentrar no livro perfeito. E também porque não estava de bom humor. Se sentia mal por não conseguir realizar nenhuma de suas aspirações. Fracasso. Isso continuava a perseguir seus pensamentos. E, não que Ricardo não ficasse feliz por Fernando, mas namorar um médico recém-formado não era, na cabeça dele, a melhor coisa pra quem é e se sente um fracassado.

A campainha tocou mais uma vez. E mais uma.

Ele recebeu uma mensagem no celular: “Tá em casa? Tô aqui na porta”. Ele não queria mentir, tanto por ser difícil convencer ao dizer que não estava em casa num sábado à noite quando você não tem costume de sair. Optou por não responder, porque também não se renderia a abrir a porta.

Fernando desistiu e foi embora.

* * *

A escola entrou em recesso de férias. Com isso, Ricardo ficou menos cansado, mas o vazio de sua

casa começou a lhe fazer mal, e ele não percebia. Todo dia acordar, andar por todos aqueles cômodos, fazer comida pra si mesmo apenas, numa rotina monótona em que basicamente tentava escrever, desistia do que escrevia e bebia uma garrafa de vinho barato resultava na propagação de pensamentos ruins.

Mandou uma mensagem nesse meio tempo para Fernando dizendo que não estava bem nos últimos dias e que queria ficar um pouco sozinho. Ele até insistiu em visitá-lo, mas Ricardo fingiu não estar em casa outra vez. Fernando passou então a só mandar uma mensagem de manhã desejando um bom dia.

Ricardo começou a escrever um conto sobre um garoto gay que contava para sua mãe sobre sua sexualidade. Não tinha nada de original, ele sabia. Mas não queria continuar estagnado com suas folhas amassadas. Ficou pensando na mãe enquanto escrevia, em como ela demorou duas semanas para aceitar que o filho era homossexual. Como ela ficou noites trancada no quarto chorando. Como ela o abraçou e sorriu pra ele quando finalmente resolveu encarar a situação. Tudo isso lhe trouxe duas emoções diferentes: dor e saudade.

O que estava acontecendo com Ricardo era como uma bexiga de água. Bexigas de água são feitas para

estourar. A perda do pai muito cedo, o conflito com a sexualidade, a perda da mãe, a frustração profissional, tudo isso era água. Ricardo era a bexiga, e quanto mais rápido ele se enchesse, mais cedo estouraria.

* * *

Ricardo decidiu terminar com Fernando. Razões? Queria vê-lo com alguém melhor que ele. Simples assim. Agora, o motivo disso que é mais complexo, e bem, você já entendeu.

Chegou ao apartamento de Fernando numa noite de sexta-feira e foi recebido com um abraço demorado e um beijo carinhoso.

“Você está melhor?” Fernando perguntou.

“Sim. Estou sim.”

“Que bom, meu amor!”

Fernando não se convenceu disso, mas preferiu mudar de assunto.

“Eu estava pensando. A gente podia ir visitar meus pais esse fim de semana. É bom que a gente descansa.” Propôs Fernando enquanto pegava uma garrafa de suco integral de uva da geladeira e servia em dois copos.

“Tomar um banho de cachoeira, hein! Que você acha?”

Ricardo estava sentado no sofá olhando para seu copo de suco como se encontrasse nele as palavras que precisava.

“Eu acho que não vai dar, Fer.”

Fernando via que alguma coisa não estava certa e a mudança de assunto não foi o suficiente para fazer Ricardo se esquecer disso.

“Amor, tá tudo bem?”

“Eu quero terminar.”

Fernando respirou fundo.

“Amor, tá tudo bem?” Perguntou de novo.

“Não. Não está, Fernando. Não tá dando mais pra mim. Eu cansei disso.”

“Amor, o que tá acontecendo?”

Ricardo começou a chorar.

“Tá acontecendo que eu não quero mais. Não quero mais estar com você, Fernando. Pra mim o que tinha que dar entre a gente já deu!”

Fernando se levantou do sofá, colocou seu copo de suco no balcão.

“Ricardo, meu amor, eu sei que isso não é verdade. Me diz o que tá acontecendo. Deixa eu te ajudar!”

A depressão faz com que as pessoas interpretem as coisas da maneira mais negativa possível. Ricardo não viu aquilo como um oferecimento de ajuda por

parte de uma pessoa que o ama. Viu como “eu sou um coitado que precisa de ajuda”.

“NÃO FERNANDO! EU NÃO PRECISO DA SUA AJUDA! NÃO ESTOU DOENTE PRA VOCÊ ME PASSAR UM REMÉDIO, NÃO PRECISO FICAR DEBAIXO DA SUA ASA! EU SEI ME CUIDAR!”

Fernando sabia que aquilo era da boca pra fora. Não ficou ofendido. Ele viu Ricardo se afundando aos poucos. Ficou sim muito triste com aquilo, mas por ver o cara que amava passando por aquilo.

“Amor, vai ficar tudo bem!”

“Fernando, eu não quero mais isso. Você merece uma pessoa melhor! Vai passar o resto da sua vida do lado de um escritor fracassado? Você tem uma carreira pela frente...”

“Eu vou passar o resto da minha vida ao lado do homem que eu amo! Você só tá passando por uma fase difícil, mas você vai superar isso!” Fernando tentou abraçá-lo, mas Ricardo se soltou bruscamente.

Os dois estavam chorando.

“Fernando, já deu! Eu não quero mais você na minha vida! Aceita!”

Ricardo se levantou, e saiu do apartamento batendo a porta. Fernando pensou em ir atrás dele no mesmo momento, correndo para abraçá-lo, mas sabia que não adiantaria nada.

* * *

Ricardo chegou ainda chorando em casa. Sentia tristemente satisfeito, se é que se pode ser assim. Agora que tinha terminado com Fernando, nada mais o prendia. Nada mais o obrigava a sentir toda aquela dor que o sufocava, toda aquela ansiedade, todo aquele excesso de passado e futuro.

Trancou a porta e começou a se preparar. Garantiu que tudo estivesse fechado, janelas, portão, portas dos fundos... Pegou a foto com os pais, olhou para o sorriso de cada um.

“Desculpe, mãe! Desculpe, papai! Eu fui um fracasso, mas pelo menos logo a gente se revê.” Disse para si mesmo em voz baixa.

Eu conhecia esse tipo de despedida. Assisti a milhões durante toda a existência. E é um processo doloroso. Você se desfaz de tudo que te faz querer estar vivo, porque sua vontade de morrer é maior.

Ricardo começou pelos livros. Pegou o grande latão de lixo de alumínio da cozinha e o colocou no meio da sala. Pegou seus livros preferidos e atirou na lata. Senhor dos Anéis, Harry Potter, Macunaíma, O Alienista, A Arma Escarlate, Orgulho e Preconceito, Todo Dia, Dois Garotos Se Beijando, Pai, me compra um amigo?... Todos no lixo. Foi até a área de serviço

e voltou com uma garrafa de álcool e despejou sobre os livros e riscou um fósforo. As páginas se contorceram enquanto ficavam amarelas e iam aos poucos se desfazendo no fogo.

Ele foi até seu escritório e pegou sua caixa de manuscritos. Havia seis livros inacabados e três finalizados, todos escritos à mão com tinta preta líquida. Foleou cada um deles, se lembrando de cada época em que cada um fora escrito. Cada história, cada página tinha um pouco de sua história pessoal, um pouco de quem ele era. Destruir aquilo era uma garantia de seu fim, ele pensava. Suas lágrimas molharam algumas páginas, borraram a tinta, desintegraram palavras, mudaram sentido, alteraram a existência. Existência essa de histórias que seriam em pouco tempo inexistentes. Morreriam no fogo e morreriam com Ricardo.

Ele jogou um a um no fogo, pedindo perdão aos seus personagens por acabar com suas existências. Suas lágrimas já haviam secado. Sua boca estava seca, e a sala completamente encoberta de fumaça.

Ricardo seguiu para o quarto de seus pais. A cama estava arrumada com um edredom novo que ele comprara com seu primeiro salário. Aquele era o seu lugar de descanso mental. Sempre que precisava pensar, relaxar, refletir, encontrava paz entre aquelas quatro paredes.

* * *

Fernando saiu do banho, respirou fundo. Ricardo não saía de sua cabeça. Vestiu as suas roupas e resolveu ir atrás do namorado. Procurou as chaves, que sempre se perdem, independente do tamanho do apartamento, da casa, da quitinete. Encontrou-as caídas debaixo do sofá e saiu de casa. Pegou o carro e seguiu para a casa de Ricardo, que ficava a 15 minutos de seu apartamento.

* * *

Ricardo deitou-se, com duas caixas de seus comprimidos para ansiedade. A morte inesperada de seus pais foram grandes traumas para ele e por isso queria morrer naquele mesmo lugar onde ambos morreram. Queria morrer como eles: dormindo, sem dor e sem saber em que momento exato isso aconteceu.

Então começou. Tirou todos os comprimidos de suas cartelas e os colocou sobre a cama. Com uma garrafa de suco de uva integral, morreria com o doce sabor de sua fruta preferida.

Tomou dois.

Ele sabia que tinha uns 15 minutos para que os remédios comesçassem a fazer efeito. E não pôde deixar de pensar em seu companheiro. Pensou em

todos os momentos bons em que viveram juntos, todas as discussões, todos os beijos, todas as noites compartilhadas.

Percebeu que tinha terminado o namoro, mas não tinha se despedido. Pegou um bloco de notas dos que espalhava pela casa para nunca perder uma ideia nova e começou a escrever.

Fernando,

Escrevo a carta de despedida de um suicida mais clichê de todas. Mas antes de ser a carta de um suicida, é uma carta de amor.

Você mudou minha vida, alterou minha rotina, desconstruiu minhas verdades, estabeleceu sentimentos, me deu momentos que se tornaram amor pra mim.

Agradeço por cada simples palavra, por cada advertência, cada conselho, cada abraço, cada beijo. Agradeço por ter tido você.

Espero que me perdoe por tudo isso, mas eu já estava morto por dentro.

Tomou mais três comprimidos.

Existe um limite pra mim, um limite de sofrimento que eu fui capaz de suportar, e acredito que fui forte para suportar tudo isso. Mas agora já não resta mais nada. Está tudo destruído, moído, rasgado, acabado dentro de mim.

Eu te amo muito, Fer. Te amo por inteiro, te amo de verdade. Espero que um dia entenda que minha dor já não era suportável.

Sem mais delongas, adeus!

Eu te amo muito,

Ricardo.

Tomou mais três comprimidos.

Sua cabeça já começava a pesar sobre o pescoço, assim como as pálpebras começavam a cair involuntariamente.

Tomou mais um.

Sentiu os efeitos do remédio, que o acalmavam, e pensou “ a dor se vai”.

Mas eu intervi. Com meu relógio, congelei o tempo.

* * *

Fernando estava no portão, tocou a campainha e não teve resposta. Pegou o celular e ligou para Ricardo, no telefone fixo e no celular. Nenhum

atendeu. Não havia luzes acesas. Estava quase indo embora quando reparou, pelas grades do portão, que saía fumaça por debaixo da porta de entrada da casa de Ricardo. Fernando se desesperou. Começou a gritar.

* * *

Quando Ricardo estava prestes a tomar o último comprimido, que o faria ter uma convulsão e morrer, eu apareci para ele e tirei os antidepressivos de suas mãos.

“Ricardo, precisamos conversar!” Fui completamente rígida em minha fala para manter sua atenção em mim.

“Já está na hora? Você veio acabar com esse sofrimento, não é mesmo?” Me perguntou.

Com o tempo parado, não há nenhum fator que possa influenciar a mente humana. Ricardo estava completamente sóbrio. Ele se sentou e começou a olhar a seu redor, depois parou os olhos em mim novamente.

“Não, meu querido. Não está na hora. Pelo menos não nesse exato momento. Gostaria de conversar um pouco com você antes de qualquer coisa.” Falei pra ele sentando-me a seu lado na cama.

Segurei sua mão.

“Você não está bem, Rick. Você sabe disso. Existe muita dor acumulada no seu peito.”

“Eu passei por muita coisa.”

“Eu sei, eu sei de tudo que você viveu, e sei o quanto você sofreu. Mas você sabe que tem algo além dessa dor, não sabe?”

“O que você quer dizer?” Ele me perguntou, sereno. É uma capacidade minha, causar uma leve tranquilidade nas almas.

“Meu querido, essas dores que você tem estão intensificadas. Depressão, Rick.” Ele me olhou, respirou fundo. “Anda, deixa eu te mostrar.”

Eu o fiz levantar da cama e me seguir. Saímos do quarto. Rick começou a entender quando viu o que tinha feito. Olhou para os seus livros queimando no latão, para os porta-retratos cheios de fuligem.

Ele não era capaz de sentir nada naquele momento, porque eu segurava sua mão e impedia que suas emoções tornassem seus pensamentos turvos. Ele entendeu.

“É tarde demais?” Perguntou-me.

“Eu não sei. Mas se não for hoje, vai depender de você se vai ser amanhã, ou daqui uma semana, ou um ano...”

“Eu não tenho controle. Não é minha culpa.” Afirmou.

“Eu sei disso, Rick. Nada disso jamais foi sua culpa. Você está doente, meu querido.”

“Então como pode depender de mim?”

“Você só precisa fazer uma coisa, Ricardo. E é algo que você já tem. Você precisa deixar que alguém te ajude. Infelizmente essa dor não vai passar sozinha. Você chegou ao extremo. Mas você tem alguém que te ama.”

“Meus pais morreram. Eu não quero ser um fardo para o Fernando.”

“Eu me encontrei com seus pais, e os dois tiveram certa dificuldade de me aceitar por causa do amor que tinham por você. Agora eles estão bem. Mas eles não são os únicos que te amaram, Ricardo. E eu sei que você não amou somente a eles também.”

“Fernando.”

“Exatamente. Ele está lá fora nesse momento, desesperado.”

Eu fiz com que Ricardo pudesse ver além das paredes e visse aquela estátua temporal desesperada que era Fernando gritando e batendo no portão.

“Eu o amo, você sabe disso, não sabe?”

“Você que tem que saber, e ele.”

Ele ficou parado olhando para Fernando, sem sentir nada, mas entendendo tudo.

Se houvesse algum remédio que desligasse as emoções das pessoas depressivas, elas teriam a real noção de seus problemas, suas frustrações, seus medos e abandonariam qualquer ideia negativa em relação a si mesmas. O Problema é que não há.

“Aceite ajuda, Rick. Se faz alguma diferença, seus pais estão bem, você não precisa os encontrar agora.” Falei.

“Eu vou sentir tudo de novo quando acordar desse sonho, não é?”

“Isso não é um sonho, Rick. Mas sim, vai sentir tudo de novo. Toda a dor, todo o desespero, vai tudo continuar aí, e só vai melhorar quando você se tratar. Se você, quando despertar desistir da morte, sabe que terá o Fernando pra te ajudar.”

“Você acha que eu consigo?” Perguntou-me olhando nos olhos.

“O quê? Sobreviver?” Ele assentiu pra mim. “Acho que você consegue mais que isso. Você consegue viver”.

* * *

Ricardo sentiu toda aquela dor quando eu retomei o tempo, mas não pegou os remédios de volta para continuar, porque quando percebeu, estava acordando no colo de Fernando que fazia

cafuné em seus cabelos. Não disse nada, porque os remédios o fizeram apagar logo em seguida.

Fernando chamou uma ambulância e o levou para o hospital para fazer uma desintoxicação dos remédios.

Quando Ricardo se deitou antes de eu descongelar o tempo, tratei de resolver as coisas: abri o portão e as portas da casa e deixei Fernando entrar. Enganei seus pensamentos para ficar sem entender como aquilo acontecera, mas ele também estava tão desesperado para resgatar Ricardo que talvez nem lembraria disso.

Ele pegou a tampa do latão e cessou o fogo e a fumaça. Encontrou Ricardo e isso você já sabe.

Eu gostaria de dizer que Ricardo ficou bem logo no dia seguinte. Mas não foi assim. A depressão não fora apagada. Não desaparecera num passe de mágica. Ricardo tentou suicídio uma segunda vez. Posso dizer que eu não fui a solução. Mas ele não estava sozinho. Fernando o salvou.

Com os remédios, acompanhamento psicológico e o carinho de seu namorado, Ricardo fora melhorando aos poucos, até não ter mais a névoa da depressão sobre seus pensamentos e sentimentos. Ele se lembrava de nosso encontro, mas como um

sonho, como fora das outras vezes que nos encontramos e ele já não mais se recordava.

O futuro deles? Ah deixo aqui um mistério, mas fico feliz em dizer que Ricardo foi capaz de viver.

E tudo isso foram páginas descartadas que ele nunca escreveu no seu livro de uma vida feliz.



UMA BREVE
HISTÓRIA DE AMOR

Luiz estava ajeitando a gravata. Seus olhos passaram por mim sem me ver quando se olhou no espelho. Sorriu. Estava muito bonito. Pegou o terno que estava em cima da cama e o vestiu.

Colocou um lenço no bolso junto com uma margarida bem pequena. Olhou-se novamente no espelho, passou mais um pouco de laquê no cabelo. Pronto, havia terminado. Eu o ouvi chamando pelo noivo:

“Amor, tô pronto!”

“Ainda bem. O Marcos acabou de me ligar, já tá tudo pronto. Tem uma galera comemorando no parlamento.” Ele falou olhando as notícias no celular. “Só vou escovar os dentes e já vamos, meu bem.”

Eu acompanhei Luiz até o banheiro onde Pedro estava. Ele o abraçou por trás.

Luiz estava muito empolgado. Eles lutaram muito por isso. Eles e a grande maioria dos gays e lésbicas. Não que precisassem se casar para serem de fato um casal. Já eram há anos. Mas era algo que

queriam. Luiz sempre sonhou com uma cerimônia bonita, cheia de flores, com todos os seus amigos e familiares. Mas no seu caso, seus familiares se resumiam a seu primo e sua madrinha. Todos os outros sempre foram contra seu casamento. O abominavam como se odiar gays fosse o combustível para a vida. Sua mãe o expulsou de casa quando tinha 18 anos. Seu pai tinha morrido antes de descobrir que seu filho era homossexual, mas no fundo já sabia, e por isso nunca fora tão presente.

Pedro era mais pragmático. Queria se casar por causa de todos os direitos que isso traria a ambos e também porque queria muito realizar o sonho de Luiz.

Não haveria uma festa, pelo menos não que Luiz soubesse. Pedro organizara às pressas a melhor festa de casamento que pôde. Com a ajuda dos amigos contratou uma florista, o buffet, e todas essas coisas. Sua amiga Clara iria cantar para eles a música de quando se conheceram: Best Shot, da Birdy com Jaymes Young. O bolo de casamento não seria personalizado como Luiz queria, mas era muito bonito, e segundo seu amigo Daniel, era da “melhor doceira dessa vida”.

Quando Pedro terminou de escovar os dentes fora surpreendido por um beijo. Não tinha o gosto

deles mesmo, pois ambos ainda estavam com hálito de menta, mas o toque era carregado de sentimentos.

Pedro passou os dedos pela nuca de seu noivo e o encarou, encostando sua testa na dele. Desceu a mão e segurou a de Luiz. Deu um beijinho e o abraçou forte.

“É hoje, meu amor!”

“É hoje.”

Na cama estavam as duas rosas brancas, uma para cada um. Entrariam juntos pelo tapete até o juiz.

Pegaram as flores e saíram apressados. Trancaram toda a casa e correram para o carro.

“Amor, coloca aquela playlist que você fez.”
Pedi Pedro.

“Qual?” Luiz tinha se esquecido da playlist que tinha feito para o dia do casamento. Já fazia meses, mas Pedro se lembrava bem.

“A de hoje.”

“Ai, verdade!”

Luiz tirou o celular do terno e conectou no som automotivo. Procurou no Youtube a playlist. A primeira canção a tocar foi “Dia Branco” do Geraldo Azevedo.

Luiz não aguentou e começou a chorar. E quando olhou para o lado viu uma lágrima escorrer

pela bochecha de Pedro. Ele sorriu e encostou sua cabeça em seu ombro.

E eles chegaram, não onde pretendiam ir, mas onde eu os esperava.

Um caminhão perdeu o controle e em questão de milésimos se chocou contra o carro do casal. Eles morreram na hora. Nem sequer sentiram dor.

Eu parei o tempo. Tanto Pedro quanto Luiz haviam sofrido muito a vida inteira e sempre foram pessoas muito boas. Eu não tinha controle sobre como seriam suas pós-vidas, mas pelo menos iria garantir que conseguissem seguir em frente em paz.

Eu entrei no meio dos destroços e puxei suas almas para junto de mim e as carreguei. Nesse meio tempo vasculhei as lembranças de ambos. Queria achar o momento em que se conheceram.

Para a minha decepção, o primeiro encontro deles não foi memorável e nem agradável. Luiz tinha tido um dia horrível no trabalho, sendo demitido e na época ainda morava numa quitinete com problemas de infiltração. Ele saiu da empresa de softwares onde trabalhava sem a mínima vontade de ir pra casa. E Pedro, que na época ainda era universitário, estava indo para um “rolê” na casa dos amigos, que por coincidência tinha como convidados um amigo de Luiz. Resumindo, os dois foram parar na mesma “farra”, Luiz agiu como um babaca, não

só com Pedro, mas como o resto das pessoas também, encheu a cara e foi pra casa de “consciência leve”.

Quem gostaria de retornar a esse momento? Pois é. Então desisti da minha ideia inicial que era fazê-los se casarem no lugar onde se conheceram e resolvi agir por mim mesma. Existia um lugar que pra mim significava muito. Era um dos lugares mais bonitos que eu conhecia. Era um rio que cortava várias cidades, sendo a mais conhecida, Capitólio. A água era cristalina e passeava por entre lindos rochedos, e fora entre eles que montei uma bela cerimônia.

Era uma completa ilusão? Depende do que você acredita. Mas naquele espaço de tempo isso aconteceu.

Criei um altar com rosas brancas e margaridas, as flores preferidas dos dois. O tapete vermelho era feito pétalas de alpínias. Fiz brotar nas rochas várias tulipas, de diversas cores e tonalidades. E isso foi suficiente, com aquele azul ao fundo, para se tornar a cerimônia mais linda do mundo.

Enquanto suas almas não despertavam da vida, eu fiz com que os convidados viessem. O tempo não é um limite pra mim, pelo contrário. Então busquei em seus sonhos todos aqueles que os dois amavam. De alguma maneira, todos puderam ver a união de Pedro e Luiz.

Eu poderia fazer com que os pássaros cantassem durante a cerimônia, mas eu fiz algo ainda melhor: entre as pedras havia pequenas frestas que com o vento assoviavam. Só tive que tornar isso harmônico.

Quando estava tudo pronto eu os despertei. Luiz estava com sua mãe e Pedro já estava no altar o esperando. Eles não se assustaram por acordar naquele lugar sem saber como, só ficaram felizes quando perceberam o que estava acontecendo.

Eu estava no altar. Iria realizar a cerimônia eu mesma.

A playlist de Luiz não fora descartada, tanto que quando ele prestou atenção, percebeu a sonoridade de uma das músicas (Jardim da Fantasia, de Paulinho Pedra Azul) vindo ao longe.

Sua mãe, Diana, lhe deu um abraço apertado. Eu fico triste em dizer que aquela era sua mãe do futuro, a mãe com quem ele não conviveu, a mãe que o aceitou apenas depois que o perdeu, mas ainda assim era a mesma mãe que o amava desde sempre. Os dois seguiram pelo tapete ao encontro de Pedro.

Diana entregou Luiz a Pedro e beijou os dois no rosto.

“Que vocês tenham paz para sempre, meus anjos” disse antes de se sentar.

O casal se abraçou forte.

“Estamos aqui reunidos para celebrar o amor desses dois jovens. Luiz e Pedro encontraram um no outro aquilo que veio a somar. Construíram não só um relacionamento, mas também esse sentimento maravilhoso.” Comecei.

“Meus queridos, vocês esperaram muito por esse momento. Lutaram bravamente pra que isso se tornasse uma realidade. Enfrentaram a dor do preconceito e da discriminação. E hoje estou aqui para selar esse amor para sempre.”

Eles se olharam e mexeram os lábios dizendo “eu te amo”.

“A vida não faz sentido por milhares de razões, mas se torna ainda mais incompreensível se somos incapazes de amar. Vocês dois tem o amor um do outro e o amor de todos que estão aqui presentes. Por essa razão vocês recebem como um presente esse momento.”

“Não irei questioná-los sobre promessas e deveres de um casal, eu sei o que vocês querem e sei que vocês se conhecem o suficiente para se importar um com o outro. As alianças estão com vocês, e são um símbolo. Vocês podem colocá-las.”

E assim o fizeram finalizando esse gesto com um beijinho nas mãos.

“Luiz. Pedro. João. Gabriela. Patrícia. Emma. Joseph. Pietro. Cho. Jackie. Vocês poderiam ser

qualquer outra pessoa no mundo, mas são Luiz e Pedro, e nada pode desmerecer esse amor. Sendo assim, eu os abençoo. Vocês podem se beijar.”

Eles se beijaram, como se fosse o primeiro, o último, o único beijo deles. Os convidados os banharam com pétalas de flores. Eles estavam felizes.

“Eu sei que vocês esperavam muito dessa vida. E gostaria que vocês tivessem tido muito mais. Mas existe uma eternidade. Existe o sempre, e vocês podem compartilhá-lo se assim desejarem. Vocês estão em paz, e não há nada lá trás que os aprisionem. O amor de vocês está aí, e pra sempre ficará! Eu como a Morte garanto que nunca irei os separar.”

Eles me abraçaram e partiram dessa vida, felizes e realizados. Assim como eu, o amor deles era eterno.





A INESCRITA
HISTÓRIA DE
JULIE



u conheci uma mulher diferente uma vez. Não, ela não era diferente, mas via a vida de uma forma muito peculiar, de uma maneira que eu compreendia muito bem. Fiquei um bom tempo conversando com ela quando nos encontramos. Seu nome era Julie.

Julie não foi uma alma especial quando a levei pra vida. E entenda especial como almas que de alguma maneira me causam algum interesse a mais. Era bonita, como a maioria das novas almas. E foi por isso que me interessei, queria saber como foi sua vida para se encontrar feliz da forma que viveu.

Os humanos nem sempre são felizes, e você sabe disso. E a grande maioria chega a mim cheios de arrependimentos, cheios de dores, mesmo que ainda tenham tido felicidades. E eu absorvo tudo isso quando seguimos em frente juntos, por isso afirmo com tanta certeza que na morte muitos consideram que tiveram uma vida infeliz.

Eu cheguei um tempo antes, como sempre, você sabe. Ela estava debruçada sobre um caderno, com

uma caneta tinteiro, escrevendo sobre como era envelhecer. Versos simples, palavras combinadas sutilmente, sem preocupação com rimas. Eu não me contive. Dei uma espiada.

*O medo já está longe
O céu está ali
A dor está em algum lugar
Mas não no coração*

*Eu estou aqui
Eu estive lá
Os erros não estão aqui
Mas estiveram*

*Os risos estão guardados
Eu os pego de vez em quando
Dou uma olhada e um novo sorriso
Guardo de novo
Mas deixo a calma*

*As mágoas?
Não quis guardá-las
Mas me lembro delas
Isso é suficiente*

*Alguns sonhos ficaram pelo caminho
E outros foram adiados para o nunca
Mas os vividos que me interessam
Porque continuam comigo*

*Não espero mais nada
Nem mesmo a morte
Talvez eu viva eternamente
Talvez ela venha silenciosamente
Seja qual for o caso
Deixe-me preocupar com o chá
Ou com o croché
Deixe-me preocupar com o viver.*

E foi assim, escrevendo, que aos 78 anos Julie me encontrou. Ela primeiro caiu no sono repentinamente, derrubando o frasco de tinta sobre o papel.

Sua alma se desprende do corpo quando o coração parou de bater. Eu estava sentada na poltrona no outro lado do cômodo a encarando. Ela olhou pra mim e depois para seu corpo e o papel manchado.

“Uma pena. Ninguém vai ler aquele poema. Eu realmente tinha gostado dele.” Disse-me ela vendo as palavras consumidas e escondidas pela tinta derramada.

“Eu li. Era realmente muito bom.” Falei para ela.

“Obrigada!”

Ela caminhou pelo escritório vendo as prateleiras de livros.

“Li quase todos. Tolstói, Rowling, Tolkien, Assis, Salinger, Martin, Levithan, Exupéry... Você já conheceu alguns deles, não é?” Ela me perguntou.

“Conheci. E agora conheço você, ou melhor, gostaria de conhecer. Não precisamos ir agora.” Eu saberia exatamente tudo que ela viveu assim que seguíssemos em frente, mas eu queria que ela me contasse, queria saber como ela viu a própria vida.

Você deve saber que nem sempre a vida é como a vemos, mas importa muito mais o nosso olhar do que a real verdade, às vezes.

Ela chegou a uma prateleira menor, com 22 livros, próxima a janela.

“Esses são meus. Dediquei minha vida inteira a eles.” Ela segurava as mãos em volta de si em pé e olhava para cada um dos livros.

“E se arrepende?”

“De maneira alguma. Eu não construí casas, nem pontes, ou igrejas. Não pintei quadros, nem inventei remédios ou aparelhos. As árvores que plantei não carregaram nenhum tipo de menção a meu respeito. Mas isso aqui é a prova da minha existência. Não que eu precise ser lembrada, mas significa pra mim que valeu a pena.”

“Eu entendo, mas você sabe que tudo por aqui caminha para o nada, já que a vida nunca fica na terra para sempre. Chegará um momento em que

não existirá nada para ser visto, nada para ser tocado, porque não haverá ninguém para fazê-los.” Contei-lhe a verdade do mundo como se contasse que vi o vento balançar as folhas de um carvalho que havia lá fora.

“E fora daqui? O que há?” disse ela ainda em pé diante de suas obras.

“Você irá descobrir daqui a pouco. Mas eu gostaria de te conhecer primeiro. Porque valeu a pena?”

“Pode parecer a resposta mais clichê de todas, mas não há como ser outra: valeu a pena porque vivi.” Ela me disse se encostando no parapeito da janela.

“Muitas vezes os clichês são as grandes verdades. Negá-los é inútil, e não significa ser especial.” Na minha existência eu vi tudo, é óbvio, e nem mesmo a história de Julie é uma exceção. Não há o único, há o diferente da maioria. E mesmo isso, é muito relativo.

Eu poderia dizer que eu sou a única coisa singular do mundo. Mas internamente não sinto isso, porque a Morte que nesse momento recebe Julie, não é a mesma que recebeu Jenny talvez nesse mesmo segundo do tempo humano. E não será a mesma que irá lhe receber quando chegar a hora.

“Mas me conte suas histórias. As histórias que te fizeram criar outras. As histórias que não mereciam ser contadas, mas que foram importantes. Dê-me esse prazer... Eu gostaria de ouvir uma história vivida por uma contadora de histórias.” Eu fiz meu pedido.

Ela riu. Estava tímida.

“Como assim? Eu não sei. Não sei o que te contar.”

“Ah, vamos... Qualquer história!” A incentivei.

“Bem, não sei... Calma. Ah! Então, eu não sei como sei disso. Você deve saber, mas não me explique. Quero ter essa ilusão. Mas eu tenho lembranças de antes de eu nascer.” Ela começou.

“Como de outra vida?” Perguntei.

“Não. São lembranças de coisas que aconteceram antes de eu nascer no meu mundo atual, se é que você me entende.” Ela estava tentando explicar da melhor maneira que conseguia. “Por exemplo, a casa dos meus pais. Eu me lembro dela sendo construída, com detalhes. Mas ela foi construída antes dos meus pais se casarem, e eles só me tiveram depois de dois anos morando lá. Eu perguntei pro meu pai sobre, e o que ele falou era exatamente do que eu me lembrava: vários homens de laranja construindo a casa. E tinha uma árvore, que tinha lá até meus pais morrerem, só que menor. Por favor, não me diga

que foi alguém que me contou antes e eu tornei minha imaginação uma lembrança. Não explique como sei disso. Só me deixe ter essa ilusão.” Ela estava animada e feliz de se lembrar disso.

Eu atendi seu pedido e não dei explicações, assim como não as darei a você.

Tenho que confessar que estava ansiosa por mais histórias. Ela poderia ter me contado milhares de histórias incríveis, com grandes reviravoltas, sobre grandes acontecimentos, mas ela realmente escolheu uma incrível história que muitos julgariam não ser digna de ser contada, por ser completamente simples.

Muitas outras histórias foram narradas de maneira meio solta, mas que me mantiveram tão compenetrada quanto fica um cachorro a espera do osso que irá ser lançado. Como ela conseguiu uma cicatriz na testa, como ficou com nojo, aos três anos, quando foi numa festa de aniversário e o aniversariante, ao soprar a vela, acabou cuspidando no bolo. Contou-me também sobre como aprendeu a andar de bicicleta sozinha aos 5 anos de idade ao pegar a bicicleta da amiguinha emprestada.

E assim foi me contando todas as boas histórias de sua vida...

“Quando eu tinha uns onze anos, eu acho, descobri que eu podia controlar o vento. No verão,

que era muito quente uma brisa me fazia falta. Então eu mentalizava meu mantra para trazer o vento. E ele me obedecia prontamente...”

Eu a interrompia às vezes.

“E começou assim do nada?” Perguntei.

“Não. Eu tenho pra mim que foi porque entrei num redemoinho. Foi num dia que estava brincando com meu primo e vimos o pequeno tornado de vento. Eu como era muito corajosa, saí correndo atrás e entrei nele. Queria ver se ele me faria voar. Não foi daquela vez.” Continuou ela olhando pela janela.

“Mas pelo menos conseguiu controlar o vento.” Completei.

“É...” Ela estava nostálgica. Nostalgia precisa de boas lembranças para existir. Enquanto que lembranças ruins normalmente se transformam em arrependimento ou rancor.

“Porque você quis morar o resto da vida sozinha?” Perguntei. Ela não se espantou com a mudança de assunto repentina. Era nisso que ela se aproximava de mim, a solidão. Não que eu tivesse escolha...

“Porque uma gota de água sozinha é uma gota, várias gotas juntas são uma poça.” Falou-me olhando nos olhos. “Na verdade eu poderia tentar lhe dar mil explicações, mas só uma realmente é

completa: a solidão me faz bem. Sei que muitos não entendem, mas é simplesmente assim.”

A solidão não pode ser confundida com tristeza, e vocês fazem isso o tempo todo. E é por isso que muitas vezes a solidão traz tristeza consigo, por causa da obrigatoriedade de sentimentos que a cultura impõe. Teve um menino uma vez que viveu sozinho na selva, e por sozinho quero dizer sem humanos como ele. Ele não viveu muito, é bem verdade, afinal sobreviver numa floresta sem recursos e com inúmeros perigos não garante uma vida longa. Mas ele estava feliz quando me encontrou.

Mas o que me aproximava de Julie é que ela sabia como era viver sozinha e como era ter uma pessoa para compartilhar a vida e mesmo assim escolheu a opção mais incomum. Não, eu não tenho escolha, nem mesmo vivo sozinha. Todavia, *carpe solitude*. Mesmo que eu tenha que me encontrar com todas as almas, nenhuma ficará comigo o resto da eternidade. E não me importo com isso. Como disse Julie, “a solidão me faz bem”. Mas essas conversas que tenho são pequenas coisas que me fazem feliz. É o que faz com que toda dor que eu carrego valha a pena.

“Eu te compreendo perfeitamente, Julie. Mas então me diga, se a solidão não foi um problema, você ao menos tem algum arrependimento?”

“Ah você me pergunta isso agora? Não tenho. Ao longo da vida tive vários, mas nenhum que resistisse a uma volta no tempo impossível ou a uma vida que iria se fazer apenas pelo presente.” Suas respostas eram profundas e verdadeiras. Sem o peso que é viver, elas são sempre assim. Mas Julie já tinha essas mesmas respostas desde antes de morrer.

“Então não há nem sequer um amor que você gostaria de ter vivido?” Na minha experiência com as memórias dos outros, pessoas solitárias escolhiam não viver aqueles amores que eram representados em livros, filmes, quadros... Todavia alguma coisa me dizia que Julie era uma exceção.

“Eu vivi todos os meus amores. Eu entreguei e recebi muito amor.” Respondeu-me ela.

“Então porque está sozinha nesse momento?” Ela sorriu pra mim quando fiz essa pergunta e eu soube imediatamente a resposta.

“Meu corpo está sozinho. Fisicamente há solidão. Mas tenho muitos amigos que estavam nos meus pensamentos. E eu sei que eles sentirão minha falta. Isso é o suficiente. Você, mais que qualquer um sabe que o corpo não significa muito.” Ela tinha toda razão. Eu a compreendia e isso era recíproco.

Não vou narrar aqui como se fosse um segredo para o leitor que precisa se manter na narrativa. Eu me encantei por Julie, intensamente. E com esses diálogos eu resolvi fazer algo que nunca tinha feito.

“Quer viver um pouco mais?” Ela se espantou e já se apressava para dizer não, mas continuei antes que ela recusasse. “Não, não voltar pra sua vida que acabara de deixar.”

“Para onde então?” Ela parecia relutante.

“Vendo todos esses livros que você escreveu, fiquei imaginando como seria se você estivesse dentro de uma dessas histórias, e não tivesse o controle das coisas que tem sendo a autora.” Falei aproximando-me.

“Seria interessante. Eu adoraria.”

“Mas tem uma coisa: você viverá apenas um dia. 24 horas. E tudo que acontecer será como a realidade. Tanto as coisas boas como as ruins. Está preparada para isso?”

“Se eu estive preparada para viver todas as décadas que vivi, com certeza estou preparada para viver mais algumas horas.” Disse-me voltando a caminhar olhando às estantes.

“Tem alguma história que viveu que gostaria mais de adentrar?” Perguntei.

“Vejam...”

Julie começou a andar para o lado oposto à estante de suas obras. Pegou um baú que estava abaixo da segunda janela do cômodo e o abriu.

“Esses são meus originais. São minha pura imaginação. Sem palpite de editores, sem influência de leitores.” Ela começou a mexer em todos e encontrou outros cadernos: seus diários. Os muitos que escrevera durante toda a vida.

Ela se sentou no chão e começou a foliar um por um. Olhava as datas, lia pequenos trechos. Perdeu-se naquilo por um bom tempo. Não disse nada. Só ria às vezes ou soltava uma lágrima.

Memórias são coisas incríveis, inclusive para mim. Fico encantada em ver como momentos se eternizam. Lembranças são espaços de tempo, são cópias da vida recortadas e montadas aleatoriamente, mas todas ligadas à noção de existência e percepção de vivências. E, mais que isso, são espaços de tempo amarrados a sentimentos e reflexões.

Depois de um tempo, quando Julia já havia parado de foliar os livros, perguntei:

“E então? Qual deles vai ser?”

“Nenhum. Eu vivi o suficiente para entender tudo que me era necessário. Não iria aprender nada em histórias que eu já destrinchei da melhor maneira possível. E, além disso, minhas melhores histórias foram vividas, não escritas. Se tudo que eu

escrevi é mágico, incrível, verdadeiro e intenso, é porque minha vida foi muito mais. Minha imaginação nunca foi puro devaneio. Ela sempre foi um alter ego de tudo que vivi, mesmo meus livros de fantasia. Meus personagens são reais e suas vivências também. Minha vida se tornou ainda mais completa por causa deles. E vendo todos esses diários só me garantem isso.”

“Não quer mesmo se arriscar numa nova aventura?”

“Não. Eu quero seguir em frente. Se houver outras aventuras, elas estão para além dessa vida.”



A HISTÓRIA DO
RELÓGIO

irei um dia de folga para eu mesma.

TTer o tempo como um aliado me permite isso sem que ninguém tenha que esperar por mim. E nesse dia fui andar por aí, conhecer algumas pessoas, fazer alguns amigos.

Disfarcei-me de um jovem adolescente skatista. Peguei meu skate e fui dar uma volta por uma cidadezinha qualquer.

Escolhi um domingo ensolarado de verão, no qual as pessoas estavam pelas ruas aproveitando o sol. Como uma pessoa faminta procura algo para comer, eu procurava alguém para conversar. Algum idoso com experiências extraordinárias, um adulto completamente perdido... Mas não nego. Crianças me causam mais interesse. E João despertou minha curiosidade.

João era um garotinho de uns cinco anos de idade, de bochechas rosadas e alma nova. Ele estava com uma redinha na mão e uma caixa de sapatos na outra. Corria pela rua atrás de uma borboleta azul.

O segui até um parque próximo. Ele perseguiu o pequeno inseto até se cansar. O vi sentar no chão decepcionado pela borboleta ter escapado. Suspirou cansado, até que viu o bichinho voltar voando. Com toda sua agilidade correu e com a redinha capturou o que tanto desejava.

Mas borboletas têm asas muito frágeis, quebradiças, e os cordões da rede as quebraram como cacos de vidro azul. João a pegou na mão e a viu morrer. Ele começou a chorar, se sentia culpado. Foi quando resolvi bater um papo.

“Era tão bonita.” Eu disse.

Ele se espantou com minha presença, mas voltou a olhar para o cadáver em sua mão.

“Era o presente perfeito para minha mãe.” Disse-me triste. “Mas eu não queria matar. Juro.”

Ele abriu a caixa de sapato. Estava decorada por dentro com um papel com estampa de flores. Tinha uma caminha feita com uma caixa de fósforos e um doce.

“Era para ela morar aqui. Já tinha comida e a caminha dela.” Disse olhando triste pra mim enquanto me mostrava a pequena casinha.

Era ainda tão ingênuo. Não tinha como culpá-lo.

“Mas acha que ela ficaria feliz num espaço tão pequeno?” Perguntei sentando-me a seu lado.

“Ela é pequena, a caixa é grande pra ela.”

“E o que você mais gosta de fazer?”

Perguntei.

“Jogar videogame.” Me respondeu com um leve sorriso.

“Você pode jogar videogame na sua casa?”

“Posso, mas só depois de fazer o dever de casa.” Contou-me colocando a borboleta, ou o que sobrou dela, na caminha de caixa de fósforos.

“O que a borboleta mais gosta de fazer é voar por aí e nessa caixinha ela não teria como voar.” Ele voltou a ficar triste pelo que tinha feito quando eu disse isso.

“Eu não queria machucá-la. É que hoje é dia das mães. O papai não comprou um presente pra eu dar pra ela, então eu quis fazer eu mesmo um presente.” Me explicou chorando. “Mas agora ela morreu.”

“Sim, João, ela morreu. Mas está tudo bem.” Eu queria que ele entendesse o que aconteceu. Então agitei minha mão acima da borboleta e ele foi capaz de ver o que eu via todo tempo: seres seguindo em frente. A borboleta voou até uma flor e desapareceu como uma luz.

João não falou nada. Apenas enxugou as lágrimas e sorriu.

“Ela vai ficar bem?” Perguntou-me empolgado.

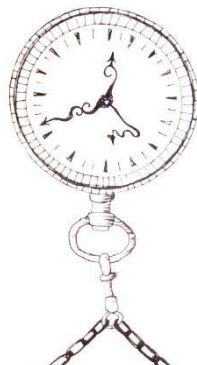
“Ela está bem. Mas, João, pense nisso. Você não é um garoto ruim, e não deve fazer coisas ruins. Siga seu coração e se lembre disso. Ah, e seu presente? Acho que sua mãe ficaria muito feliz com um abraço apertado, e você pode desenhar essa borboleta pra ela. Ela vai adorar.” E me levantei. “Agora vou indo, tenho umas coisas pra fazer, não posso me atrasar.”

“Moço, então toma isso pra você!” Chamou-me ele tirando do bolso um velho relógio de bolso. “Eu achei por aí, mas pode ficar com ele, eu tenho outro. Aí você não vai se atrasar.”

Eu peguei o relógio e o agradeci. Era um relógio de bolso comum, mas se tornou especial para mim. E como o tempo é meu amigo, era uma maneira de sempre me lembrar que pra morte sempre haverá um momento.



TEMPO E MORTE,
TÃO CONFUNDIDOS
TÃO DIFERENTES
A CRUELDADE DOS SEGUNDOS
A LEVEZA DO DESCANSO
A CORRIDA DA VIDA
O ENCONTRO DA PAZ
O RESPONSÁVEL PELO AMANHÃ
A RESPONSÁVEL PELO FIM
O CULPADO PELA DOR
A INOCENTE CULPADA





DONA SEBASTIANA

Para Tia Percila (*in memoriam*)



lá vinha ela no crepúsculo. O rosário

E no pescoço, uma lanterna na mão e uma sombrinha na outra. Caminhava sem pressa. O culto tinha acabado no horário de sempre. As galinhas já estavam indo se deitar no meio da maniva e nos pés de goiaba. Dona Sebastiana não queria jantar. Já estava tarde pra isso. Pensou em comer só um pedaço de carne com farinha e tomar um chá de erva-cidreira antes de se deitar.

Dona Sebastiana da Silva De Jesus tinha oitenta e um anos e morava numa pequena comunidade rural da cidade do Jacinto, no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Morava com o neto Joaquim, que naquele dia estava na cidade na casa da mãe.

A música da “Paz de Cristo” ainda estava na sua cabeça. Tinha desejado paz para todos, sem saber que logo ela encontraria a paz do descanso.

Deixe-me lhe explicar como as coisas acontecem: toda alma, quando seu corpo morre, precisa de paz para não sentir dor quando seguir em

frente comigo. Todas as dores da vida ficam acumuladas dentro de nós, seguir em frente é se libertar delas. Se a alma está em paz, eu consigo transferir essa dor pra mim, caso contrário, a alma é obrigada a sentir tudo de uma vez. Eu poderia muito bem simplesmente fazer com que todos passassem por esse sofrimento, mas porque faria isso, quando posso evitar?

Por isso, eu chego um pouco antes: pra ver o que é preciso ser feito. Dona Sebastiana cairia dali a alguns segundos e sofreria um baque intensificado pela idade e morreria.

A questão é: ela estava sozinha numa estrada de chão onde ninguém passaria até o dia amanhecer. Se ela visse o próprio corpo abandonado naquela situação, poderia se afastar da paz interior. Então eu interfeiri.

Transformei-me numa jovem garota de 15 anos e entrei no seu caminho.

Dona Sebastiana nem me viu aproximar. Olhava atenta ao chão. Sua preocupação era as cobras. Não queria ser surpreendida por uma jararaca ou uma cascavel. Seu chinelo soltou o prego que prendia a correia e a fez tropeçar. Eu segurei sua alma antes que ela percebesse o que acontecera.

“Ó! Toma cuidado, senhora, que a senhora cai!” disse a ela.

“Oh minha fia, Deus que ajuda! Cuas que eu cáí.” Disse-me ela apoiada a meu braço.

“A senhora tem que tomar cuidado.”

“Foi essa sandália véa, soltou a corrêa. Eu botei um prego, mas solta.” disse ela pegando o chinelo de dedo nas mãos. “Sabe de uma coisa, minha fia? Vou jogar esse trem véi no mato!” e arremessou-o para longe, na braquiária.

“É bom a senhora arranjar uma bengala” falei a ajudando a andar.

“Iihh minha fia, tem dinheiro pra isso não. Nem se eu vendê minhas galinha tudo. E depois ainda fico com a barriga roncando.” Falou-me, exagerando um pouco os fatos, já que tinha bastante dinheiro no banco para seu funeral e para a herança dos filhos.

“Então pega um pedaço de pau. O que não pode é a senhora correr o risco de cair e quebrar um osso.”

“Ar maria menina! Vira essa boca pra lá! Se eu quebrar um osso quem vai dar de cumê pras galinha?”

“Mas e os filhos da senhora?”

“Tem uns por aí no mundo. O Luciano, o mais velho, mora lá perto da ponte. Mas tem o Joaquim, meu neto. Ele mora comigo, me ajuda com as coisas da casa. Mas você pensa que é de graça?”

Todo mês eu dô cem conto da aposentadoria pra ele.” Falou-me como se estivesse indignada.

“Então ele poderia cuidar das galinhas, mesmo que a senhora tá bem. Mas nessa idade é bom evitar extravagância.”

“Que istravagança? Eu tô forte ainda, minha fia! No dia que eu não puder cuidar das minhas galinha e fazer minha comida pode mandar me enterrar!” Ela tinha orgulho de ser tão ativa aos oitenta e um anos. “E dispois, se eu mando o Joaquim fazê, aí que ele esquece bom da escola! Já num gosta de estudar. Dispois fica um véi que nem eu aí, dependendo dessa mixaria de aposentadoria.”

A casa de Dona Sebastiana era muito bonita e simples. Tinha um jardim cheio de flores. Eu a acompanhei até o vira-bunda¹. Mas ela me chamou pra entrar:

“Oh minha fia, Deus que ajuda ocê! Mas ocê num quer entrá não? Eu faço um cafezim rapidim pra nós.”

“Se não for incomodar...”

“Que incomodar o que! Mas num repara que a casa é simples.” Ela olhava para o céu. “Eu acho que amanhã vai cair um chuvão!”

Nós entramos em sua casa e fiquei impressionado com o número de objetos de decoração. Na verdade presentes e lembranças que

ganhou durante a vida. A maioria numa enorme estante de madeira.

Também algo que me chamou a atenção foi um retrato: ela e seu marido Felizardo. Eu o recebi alguns anos atrás, não era tão simpático quanto dona Sebastiana, mas tinha grandes histórias. Era um retrato padrão, os dois com expressões sérias, ela de vestido com gola e ele de terno azul.

“Ocê qué assistir televisão? Pode ligar aí que eu vou botá a água pra isquentar.” Ela saiu para a cozinha, eu a segui.

“Eu não assisto televisão.” Conteí a ela.

“Eu num gosto muito também não. Mas o Joaquim, aquele lá num perde uma novela. Sabe as história tudo. Já eu só ligo pra vê a missa. No domingo tem a missa cedinho, e depois tem umas musca e uns cântico tão bonito. Cê precisa de ver! Aí eu deixo ligado e vou fazê o de cumê. Eu só tranco a televisão quando dá a hora de almoçar.” Contou-me enquanto esperava a água ferver no pequeno fogão a gás de quatro bocas.

* * *

Depois do café, recebi um convite de dona Sebastiana para dormir em sua casa. Eu aceitei. Eu conseguia passar para ela uma confiança que ela não teria com nenhuma outra pessoa. A morte tem credibilidade.

Dona Sebastiana acordou bem cedo, antes de o sol nascer. Encontrou-me sentada no banco da cozinha a esperando. Eu não estava mais disfarçada, e ela me reconheceu mesmo assim.

“Senta aqui, dona Sebastiana.”

Ela me olhou com aqueles olhinhos tristes sabendo o que tinha acontecido. Ela sentou e ficou olhando sua cozinha. As panelas penduradas, o fogão a lenha e o forno, a mesa de madeira com uma bandeja cheia de copos em cima, o filtro de barro, a imagem de Nossa Senhora Aparecida no canto, a pequena geladeira azul.

“Eu passei boa parte dos meus dias aqui. Desda época que os meus fi era piqueno. Cuidava de uma, fazia comida, cuidava do outro. Sentava ali na beira da porta quando o de cumê já tava pronto e ficava esperando o Felizardo. Dispois que ele se foi eu só sentava lá e comia, sozinha. Os fi casou tudo. Mas minha comidinha que eu não ia deixar de fazê. Esse canto aí era meu. As galinha mermo já sabia disso. Era só eu sentá que já elas vinha tudo, esperando eu jogar o resto da comida pra elas cumê. O Luciano quiria porque quiria que eu largasse as galinha pra lá. ‘Ê mãe, deixa essa galinha pra lá, a senhora num tem idade pra ficar preocupando com isso não’ ele falava. Mas e eu ia deixar pra lá minhas

galinha? Mar moço! As minhas bichinha ocupava minha cabeça.”

Ela começou a ficar nostálgica. Depois parou e foi pra sala. Voltou com o retrato dela e do Felizardo.

“Agora eu vou me encontrar com você de novo, meu companheiro.” Falou quando se sentou do meu lado outra vez. Então me fez um pedido. “Oê pode deixar eu ficar só mais hoje? Eu quiria ver meus parente antes de ir embora.”

“Mas não vai ser doloroso, vê-los chorar?”

“Vai não. Eu vivi por demais, minha amiga. Eu já tinha aceitado que uma hora eu ia morrer desda época que o Felizardo morreu. Mar falar isso num pode, num é mermo? Imagina só, meus fi ia falar que eu já tava caducando se falasse uma coisa dessa. Mas agradeço ocê por esse tempo a mais. Tá viva é bom! Mas eu quiria mermo ver os parente, faz um bom tempo que num vejo um montão deles. Por favor!”

Eu normalmente não deixo as almas verem a reação de seus entes queridos após suas mortes. Mas o pedido de dona Sebastiana era sincero. Ela só queria ver a família uma vez mais para poder seguir em frente. Como eu sempre tento ajudar, não poderia negar esse pedido.

“Tudo bem, mas só até o pôr do sol. Tudo bem?”

“Agradicida!”

* * *

Ela ficou ao meu lado o tempo todo, observando tudo de longe. Viu quando trouxeram seu corpo, quando sua filha lhe deu banho, quando o pessoal da funerária chegou para arrumá-la.

“Eles escolheu um caixão bonito, até! Océ num acha?” Falou-me num tom que transitava entre o feliz e o triste.

A casa foi ficando cheia. No fogão à lenha e no à gás as sobrinhas começaram a preparar chá e comida para todos. Os filhos ficaram reunidos na sala perto do caixão.

“Ê meu Deus, obrigado por esses fi que o senhor me deu! Tão tudo aí, oia! Um ajudando uns aos outro.” Depois ainda me disse: “Ainda bem que tô deixando todo mundo criado”.

Ela só ficou um pouco triste quando viu Joaquim entrar para o quarto. Ele estava chorando deitado na cama. Dona Sebastiana me olhou com o mesmo olhar de quando soube que tinha morrido.

“Oh, meu netinho! Tá vendo, ele gostava de mim mesmo e falava que não. Ê minino danado,

gente! Todo dia falava que quiria morá com a mãe lá na rua. Um dia pegou o bernal, botou as roupa tudo, pegou o ônibus e foi dantá a mãe. No outro dia cedinho tava aqui outra vez. A gente brigava, mar o carinho que eu tinha por esse minino era maior que o que eu tinha pelos meus fi.”

“Ele claramente também te amava.” A consolei.

“Mar agora ele tá aí chorando, o bichinho!”

“Ele vai ficar bem. Tem quem cuide dele. Você sabe disso!”

Ela chorou baixinho, como se quisesse que ninguém a visse, mesmo sabendo que ninguém a veria.

“Acho que está na hora de irmos, dona Sebastiana.” Falei.

“Espera só mais um pouco, meu irmão não chegou ainda, ele tá vindo doutra cidade.”

Eu esperei.

Enquanto isso ela observou tudo: cada lágrima, cada consolo, cada vela, cada abraço. Ela sabia que sua família tinha seus problemas. Estava cansada de tentar fazer dois de seus filhos voltarem a se falar. Sempre ouvia os “causos” da família que o pessoal comentava antes do culto. Mas ela também sabia que eram em momentos como esses que todos esqueciam as brigas, as diferenças e se amavam

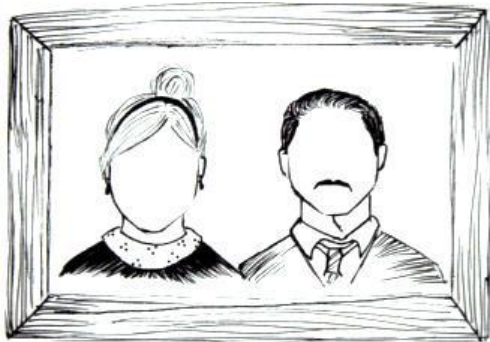
como ela também amava a todos. Sabia que os irmãos podiam discutir por causa da herança também. Mas aquele dia era o dia que ela sempre quis ver: todos se abraçando sinceramente, claro que não queria que fosse nessa situação.

Seu irmão chegou, ela matou a saudade em vê-lo, e comentou sobre como ele tinha engordado e ganhado barriga. Mas só quis ir mesmo depois que se despediu de Joaquim.

Quando todos estavam concentrados na roda de oração, ele pegou o retrato de Dona Sebastiana e Seu Felizardo e foi pra cozinha. Sentou na beirada da porta onde ela sentava, com um copo de café e uns biscoitos de polvilho, os chamados biscoitos “avoador”. Acariciou o rosto da avó no retrato e disse baixinho enquanto o caixão saía da casa carregado pelos filhos:

“Vai em paz, vó!”

Dona Sebastiana segurou minha mão e seguiu em frente.



E assim nos encontraremos um dia. Com belas histórias para compartilhar, com motivos para chorar e para sorrir. Ou talvez nunca nos encontremos e a morte seja só o fim, mas você não vai saber até lá. Não tenha pressa para descobrir. Aproveite seus momentos de certeza, aproveite seu agora. Ame, viva, sinta, pense, ria, chore, sofra, e com tudo isso, encontre sua felicidade! Esse é o conselho da Morte para a vida!

NOTA DO AUTOR

Esse livro surgiu como um desabafo. Eu estava com uma nova crise de depressão. Não conseguia ver nada de bom a meu respeito, e ficava dizendo pra mim mesmo o quanto eu era um escritor insignificante. E isso estava me destruindo. Eu tomei consciência do problema, eu percebi que eu estava caindo e que eu poderia seguir novamente para a beira do buraco sem volta.

Depois da ajuda dos meus amigos, eu melhorei um pouco, e voltei pra casa dos meus pais, onde encontrei tranquilidade e amor. Nesse tempo eu comecei a tentar entender o meu medo e encará-lo. E isso me deu ânimo pra iniciar um projeto novo. Eu havia escrito o argumento do meu TCC meses antes, no qual a protagonista era a morte. E eu resolvi escrever mais sobre esse personagem. E as coisas foram fluindo, e quando eu vi já tinha escrito cem páginas. Chorei muito em todo o processo, durante a noite, pra não preocupar minha mãe que já havia notado minha quietude. Mas com o tempo eu percebi que a dor estava indo embora.

Enviei alguns dos meus contos para algumas pessoas. O retorno foi melhor do que eu imaginava e isso me fez ficar ainda melhor.

Além disso, a morte sempre me causou interesse no sentido de que eu nunca a vi como algo negativo pra

quem partia. Eu nunca chorei pelas pessoas que morreram. Minha dor sempre era pelos que ficavam e sofriam com a perda. Desde que me lembro, eu sempre vi a morte como um descanso, em qualquer caso.

E esse livro para mim é muito mais que histórias da minha imaginação, são transcrições de meus medos, porém solucionados. Pensar a morte me fez entender a vida. E hoje me encontro feliz. Espero que possa ter te ajudado de alguma maneira também.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são a toda a minha família e aos meus amigos. Mas devo fazer alguns agradecimentos em especial.

À minha mãe, Lica, e ao meu pai, Vena, por sempre me apoiarem e me darem todo suporte do mundo. Vocês me ajudam mais do que imaginam. Obrigado por todo o carinho e tranquilidade que vocês me passam. Obrigado por serem o meu exemplo de vida. Obrigado por todo o amor. Eu amo vocês mais que tudo e agradeço aos céus por ter vocês como pais!

À minha tia e segunda mãe, Tinhen (Irlene), que sempre cuidou de mim e sempre me deu amor e carinho, e que esteve comigo me fazendo sorrir nos dias em que esse livro fora escrito.

À minha irmã, Cátia, por me ajudar e me apoiar sempre que pode. Te amo, Cá!

À Aline, Lucas, Girlane, Bley, Aylon e Victor, que leram alguns dos contos primeiro e me ajudaram bastante com suas opiniões.

Agradeço ainda a todos que contribuíram na minha pesquisa, indicando livros filmes e séries que pudessem me ajudar.

~ 100 ~

À todos esses, minha enorme gratidão, e a gente se vê no próximo livro.

Grandes abraços,
Jorge.